



SEMENTES do XINGU

INFORMATIVO SOBRE A REDE DE SEMENTES DO XINGU • JUNHO DE 2013

Uma rede para superar desafios

Após seis anos de existência, a Rede de Sementes do Xingu (RSX) chega a um patamar de comercialização de quase 100 toneladas. Enquanto as discussões do novo Código Florestal apontavam mais benefícios para quem desmata do que para quem preserva, pudemos observar a produção de quem vive da floresta se consolidar.

O aumento da safra durante esses anos é fruto de quem botou a mão na massa, ou melhor, na semente. No último ano, o microcrédito concedido pelo Fundo Rotativo da Rede de Sementes ajudou a estruturação dos coletores. Quem buscou o recurso conseguiu investir na melhoria das condições de produção.

A eficiência nas fases de coleta, beneficiamento e armazenamento refletiu na ampliação do número de pedidos e parceiros. Em 2012, por exemplo, a empresa Brasileiro Comércio e Serviços Ambientais encomendou cerca de sete tonela-

das de sementes. O plantio em 200 hectares faz parte da compensação ambiental pela construção da Hidrelétrica de Caçu, em Goiás. Mais sete toneladas de sementes já foram encomendadas este ano para o plantio em 350 hectares na região.

Se, por um lado, existe um aumento de demanda fruto das compensações de obras de infraestrutura, por outro, as incertezas que cercam a implementação do Código Florestal colocam os detentores de passivo de Apps e Reserva Legal da região em compasso de espera, o que gera incertezas sobre o tamanho da demanda. De imediato, o impacto tem se apresentado com a redução dos pedidos.

Mesmo diante desse cenário complexo, a RSX tem colhido resultados importantes. Desde o seu nascimento, a Rede já comercializou 100 toneladas de sementes, gerando mais de R\$ 1 milhão em renda para os coletores. São 350 participantes espalhados em 21

municípios, 18 assentamentos e 17 aldeias indígenas.

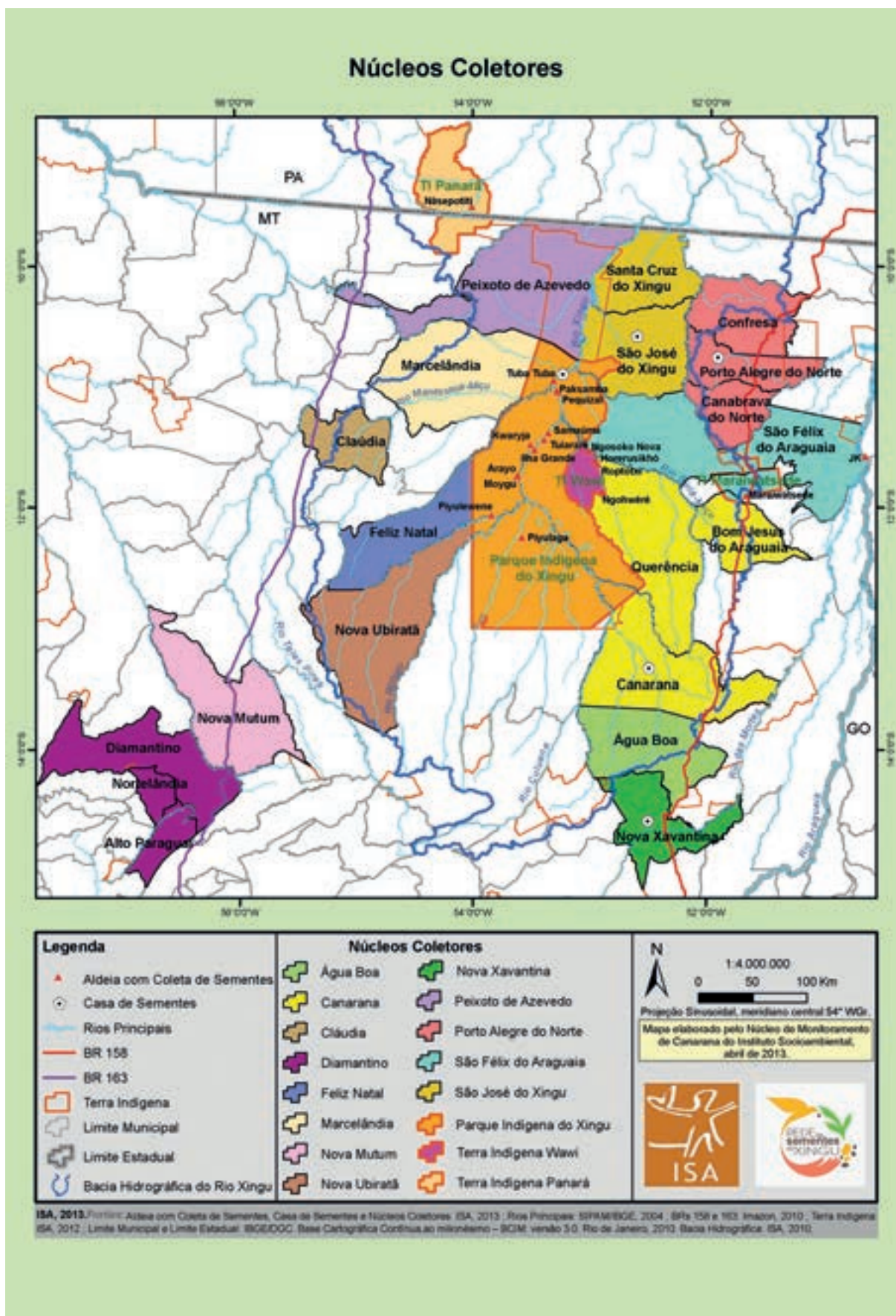
Quase três mil hectares estão em processo de restauração na Bacia do Xingu em Mato Grosso. É a região com uma das maiores quantidades de áreas em processo de restauração em APP da Amazônia. A RSX tem alimentado este novo cenário no Mato Grosso. As 25 toneladas a mais em 2012 das sementes de jatobá, mirindiba, mamoinha, tamboril e tantas outras são a prova de que os passos estão cada vez mais largos na valorização da floresta em pé e dos povos que vivem nela.

Grandes e importantes mudanças na estrutura da Rede vêm por aí. A busca pela adequação às normas legais das sementes continua sendo prioridade. Implementar a associação e o consórcio de microempreendedores será o primeiro passo dessa nova forma de administrar e operar a RSX. Depois de 6 anos, uma rede de desafios está à frente de quem se dedica às sementes do Xingu.

NÚMEROS DA REDE DE SEMENTES DO XINGU

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	TOTAL
Sementes compradas (ton)	5	8	15	25	19	25	97
Coletores	10	50	240	300	300	350	350
Espécies comercializadas	120	125	207	214	185	159	214
Recursos gerados (R\$ 1.000,00)	R\$ 9	R\$ 20	R\$ 142	R\$ 220	R\$ 213	R\$ 414	R\$ 1.018

ÁREAS DE ATUAÇÃO DA REDE DE SEMENTES DO XINGU



Para crescer é preciso mudar

Em seis anos, a Rede de Sementes do Xingu consolidou-se na região e vem gerando trabalho e renda para mais de 350 coletores. Desde 2010, a Rede desenvolve um trabalho inovador de estruturação de gestão para se adequar às mudanças na legislação e comercialização de sementes nativas.

Em 2012, a Rede contratou estudos jurídicos para identificar as melhores alternativas e possibilidades de institucionalização da RSX. O resultado do trabalho será a criação

de duas iniciativas complementares: a Associação Rede de Sementes do Xingu e o Consórcio de Microempreendedores. A Associação irá cuidar da parte social e organizativa da Rede. Formada por conselhos, ela também ficará responsável pela articulação e captação de recursos. Já o consórcio, formado por coletores membros da Rede, será responsável pela produção e comercialização das sementes.

A expectativa é que a próxima safra já seja realizada nesse novo formato.

ENTENDA COMO FICA A GESTÃO DA REDE DE SEMENTES DO XINGU



Da esquerda para a direita: sementes de açaí, amendoim bravo, bacaba, amargoso, ipê amarelo da mata e açaizinho do brejo. Fotos Christian Knepper

Rede promove inovações na identificação das sementes

A Rede de Sementes do Xingu encarou o desafio de adequar-se à nova Instrução Normativa de Mudanças e Sementes (IN nº56), do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). A normativa publicada em dezembro de 2011 regulamenta a produção, comercialização e a utilização de sementes e mudas das espécies florestais nativas e exóticas.

A IN nº 56 surgiu para ordenar os procedimentos que qualificam a produção e comercialização das sementes de espécies florestais. A RSX vem testando um conjunto de arranjos que adapte o processo e seus coletores à norma vigente. Conheça alguns exemplos:

Desafios

“Apesar dos avanços, algumas medidas exigidas pela IN são difíceis e até inviáveis de serem aplicadas. A norma foi concebida e é aplicada equiparando as espécies de sementes nativas às sementes exóticas melhoradas e utilizadas em escala empresarial, como eucalipto e pinus. Conhecer e normatizar 2 ou 3 espécies é bastante diferente de fazer o mesmo com centenas de espécies nativas que ainda pouco se conhece técnica e cientificamente.”

RODRIGO JUNQUEIRA, COORDENADOR ADJUNTO DO PROGRAMA XINGU-ISA

“A necessidade de notas fiscais para acompanhar as sementes logo após o beneficiamento e a declaração de doação e utilização das sementes coletadas são alguns dos empecilhos que não condizem com a realidade da cadeia de valor das sementes florestais nativas no Brasil.”

JOSÉ NICOLA COSTA, BIÓLOGO E RESPONSÁVEL PELA REDE DE SEMENTES DO XINGU

IDENTIFICAÇÃO DO COLETOR

A rede implantou uma ficha de cadastro para identificar seus coletores e ajudantes. Ao preencher a ficha, o coletor deve informar os dados pessoais, materiais utilizados na coleta e beneficiamento, além de potencial de produção. As informações também são utilizadas no cadastro dos coletores junto ao Registro Nacional de Sementes (RENASEM).

IDENTIFICAÇÃO DAS SEMENTES

A rede também elaborou fichas de identificação para as sementes. A entrega das encomendas é encaminhada para a casa de sementes acompanhada de fichas preenchidas com nome científico e regional da espécie, nome do coletor, local e quantidade coletada. Com isso, as sementes podem ser identificadas em todo o processo da Rede.

CADASTRO DE MATRIZES

Mais de 450 matrizes de árvores fornecedoras de sementes já foram cadastradas. Elas estão distribuídas em áreas de assentamentos, fazendas, cidades e terras indígenas localizadas na Bacia do Xingu e ajudarão a indicar as informações primárias das sementes.

BANCO DE DADOS

A sistematização da coleta, encomendas e entregas das sementes será organizada em um banco de dados. Atualmente, esse trabalho é feito em planilhas e arquivos muito grandes e que geram muito trabalho para a sua atualização.

ANÁLISES DE QUALIDADE DAS SEMENTES

Em parceria com a Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT) – campus Nova Xavantina, será criado um laboratório de análise de sementes. No local, também serão realizadas pesquisas em tecnologia de sementes.

DIVISÃO DE ATRIBUIÇÕES

As atribuições do responsável técnico são divididas na cadeia produtiva das sementes entre os coletores, responsáveis pelas casas de sementes e técnicos das instituições participantes da rede. Por exemplo, o coletor e o responsável pelo grupo supervisionam as atividades de coletas, desde a identificação das matrizes, passando pelo beneficiamento e armazenamento das sementes. Já o coordenador da casa de sementes e responsável comercial supervisionam o armazenamento e reembalagem para entrega aos compradores. Além disso, são realizadas reuniões, estudos e visitas técnicas para a avaliação da qualidade das sementes.



© DANIEL SA/ISA

Casa de Sementes é inaugurada na aldeia Tuba Tuba

Aldeia Tuba Tuba é a sede da primeira casa de sementes do Parque Indígena do Xingu

O trabalho de coleta de sementes ganhou mais uma aliada no Parque Indígena do Xingu (PIX), em Mato Grosso (MT): uma casa própria. Construída na aldeia Tuba Tuba, do povo Yudjá (Juruna), a estrutura dará mais autonomia aos coletores indígenas do Baixo Xingu e contribuirá para a qualidade das sementes ofertadas pelos xinguanos à Rede de Sementes do Xingu.

A sede é a primeira casa de sementes do PIX. Além de armazenar as sementes da aldeia Tuba Tuba, o local também receberá as coletas de outras duas aldeias Yudjá: Paksamba e Pequizal. O trabalho será coordenado pela Associação Yarikayu, responsável por receber e armazenar as sementes para depois levá-las às casas localizadas fora do PIX.

Antes, os indígenas guardavam as espécies coletadas em casa, em condições que poderiam prejudicar sua qualidade. “Mesmo sem ar-condicionado ou desumidificador, que contribuem para a qualidade de armazenamento das sementes, a casa da aldeia Tuba Tuba oferece condições melhores para os indígenas, pois quando eram armazenadas em suas casas, as sementes poderiam ser conta-

minadas por insetos e brocar. Agora, num local apropriado, o risco é menor, sobretudo com o uso dos tonéis de papelão para guardá-las. Além disso, como as sementes que eles coletam duram mais tempo, não necessitam de temperaturas tão baixas para manter a qualidade”, explica José Nicola Costa, biólogo e responsável pela Rede de Sementes do Xingu.

Os testes de germinação, os experimentos de quebra de dormência de sementes e o controle de qualidade das espécies ainda vão continuar sendo realizados na casa de sementes de São José do Xingu (MT).

Os Yudjá foram um dos primeiros povos do PIX a comercializar as sementes florestais para as iniciativas de reflorestamento das nascentes do Rio Xingu (MT), realizadas no âmbito da campanha Y Ikatu Xingu. Os povos Ikpeng, Kawaiwete e Waurá também entregam sementes à Rede. Além dos Kisêdjê, Panará, Xavante e Karajá, fora do Parque. Até hoje, os povos do Xingu já entregaram mais de quatro toneladas de sementes, gerando mais de R\$ 100 mil de renda para os indígenas.

Jovens coletores valorizam as descobertas e iniciativas do trabalho com as sementes

Aiakanukala Waurá, aos 29 anos, faz parte da nova geração do Parque Indígena do Xingu. Os antepassados lutaram pela demarcação e conseguiram preservar o território com a ajuda dos irmãos Villas-Bôas. Hoje, o futuro está nas mãos dos jovens das 16 etnias que habitam a Terra Indígena.

Aiakanukala é uma dessas jovens lideranças. Ele vive na aldeia Piyulaga, do povo Waurá, tem quatro filhos e trabalha há pouco mais de um ano como coletor da Rede de Sementes do Xingu (RSX). Para ele, o trabalho com as sementes é a oportunidade de dialogar com os conhecimentos tradicionais, aprendidos diariamente com caciques e anciões, e com novos conhecimentos sobre as florestas.

Há pouco mais de um ano, ele participou do curso de formação de agentes socioambientais, no Posto Leonardo, no sul do Parque. Aprendeu os nomes científicos das plantas e técnicas para garantir a qualidade das sementes, como cuidados com a limpeza e armazenamento.

Depois, tratou de ensinar e compartilhar as primeiras lições das técnicas de coleta no dia-a-dia de traba-

“No trabalho da Rede de Sementes do Xingu, o jovem conhece como se preserva o meio ambiente, como se recupera a floresta para manter o meio ambiente equilibrado, valoriza a cultura e as riquezas da biodiversidade”



Aiakanukala Waurá

lho, que é feito junto com a comunidade, numa troca constante. “Com os velhos a gente aprende os nomes na língua indígena, onde ficam as matrizes de sementes, a época da florada, quando dá fruto, e vai ensinando (o que aprenderam no curso) a comunidade pra conhecer mais ainda”, explica.

A aldeia Piyulaga fica no Alto Xingu. Por ali, circulam tanto as sementes de baru, ipê, caraíba, murici, típicas do cerrado, como angelim-de-saia, cumaru, mamoninhas, típicas da mata. Tudo por conta do encontro entre os biomas da Amazônia com o Cerrado, traduzindo a intensa biodiversidade da região, explorada de maneira sustentável pela comunidade indígena.

Aiakanukala não está sozinho. Na última safra, cerca de 35 indígenas da comunidade, entre homens, mulheres, jovens e idosos, trabalharam na coleta de 23 espécies nativas, totalizando 170 Kg de sementes, que renderam quase R\$ 10 mil reais.

“No trabalho da Rede de Sementes do Xingu, o jovem conhece como se preserva o meio ambiente, como se recupera a floresta para manter o meio ambiente equilibrado, valoriza a cultura e as riquezas da biodiversidade”, conta, orgulhoso do trabalho.

Microcrédito ajuda na profissionalização dos coletores



Quem pretende investir no trabalho de coleta vai poder ter acesso a uma importante fonte de recurso em 2013. Este ano, o microcrédito operado através da Organização Eco-social do Araguaia (Oeca) disponibilizou R\$ 30 mil em crédito para os coletores interessados no investimento em materiais de insumo básico para coleta, transporte, beneficiamento e armazenamento de sementes.

O Fundo Rotativo foi lançado em 2010 para fortalecer o trabalho dos coletores e, até a transferência para a Oeca, era gerido pelo Instituto Socioambiental (ISA) – que agora é responsável apenas pela animação da rede. A Oeca é uma organização especializada em concessão de microcrédito, o que dá maior segurança jurídica ao processo de empréstimos e devoluções.

Os empréstimos podem variar entre R\$ 500 e R\$ 3 mil, dependendo do histórico de entrega do coletor. Com apenas três anos no mercado, o crédito ainda é novidade para os coletores. A presidente da Oeca, Denilza Oliveira, explica que muitos ainda ficam receosos em adquirir o

empréstimo. Em 2012, a expectativa era aprovar 30 projetos, totalizando R\$ 29,5 mil, mas apenas nove projetos foram aprovados, num total de R\$ 10.377,00.

“Os coletores estavam em dúvida sobre o funcionamento do Fundo com a Oeca. Queriam ver como seria esse primeiro ano para depois acessarem o crédito”, explica Denilza.

Neste ano, o crédito será estendido também para o plantio de agroflorestas, que antes não estava incluído, e o prazo final para pagamento das parcelas foi estendido até 31 de janeiro de 2014.

Qualquer coletor da Rede de Sementes, desde que esteja cumprindo os princípios e critérios estabelecidos, pode acessar o crédito. Após o recebimento da proposta, a Oeca levará o projeto para análise no Comitê de Crédito – composto pelos elos da Rede de Sementes. A expectativa é que, após a proposta ser analisada no comitê, o recurso seja liberado para o coletor em, no máximo, 10 dias.

SAIBA MAIS SOBRE AS SEMENTES DO XINGU

PLANTE AS ÁRVORES DO XINGU E ARAGUAIA

Lançada para suprir a necessidade de materiais didáticos adaptados à realidade local e regional, o ISA lançou uma edição revisada e ampliada do livro *Plante as árvores do Xingu e Araguaia*. O guia traz informações práticas sobre identificação, coleta e manejo de sementes, plantio e usos de árvores nativas da região dos rios Xingu, Araguaia e Teles

Pires, no estado de Mato Grosso. A nova publicação traz 89 espécies ilustradas para contribuir no trabalho de técnicos e coletores de sementes em sua identificação. Dessas, 85 ainda não haviam sido publicadas nas edições anteriores do livro.

DISPONÍVEL PARA
DOWNLOAD



Se interessou?

ACESSE A PARTE DAS
PUBLICAÇÕES NO SITE DA
CAMPANHA Y IKATU XINGU

www.yikatuxingu.org.br

COLEÇÃO A RESPOSTA DA TERRA

O primeiro volume, *Iniciativas Socioambientais entre o Xingu e o Araguaia*, traz histórias de pioneiras iniciativas socioambientais realizadas na região dos rios Araguaia e Xingu, em Mato Grosso. Ações desenvolvidas por organizações que compõem a Articulação Xingu Araguaia (AXA) e que procuraram alternativas aos passivos sociais e ambientais criados pelo modelo de ocupação – econômico e territorial – adotado no estado nas últimas décadas. As experiências retratadas no livro são exemplos de que é possível mobilizar grupos tradicionalmente excluídos para construir novas formas de geração de renda, que respeitem e recuperem a floresta.

O segundo volume traça um diagnóstico sobre a região dos rios Xingu e Araguaia, construindo uma visão abrangente da realidade atual, com base nos processos de ocupação territorial do nordeste mato-grossense. O livro resgata a história de ocupação dessa região e questiona os modelos econômicos predominantes ali (criação de gado e plantação de soja).



REALIZAÇÃO



INFORMATIVO SOBRE A REDE DE SEMENTES DO XINGU

Jornalista responsável
Letícia Leite (DRT 8149 - PR)

Colaboraram nesta edição
Dannel Sá
Heber Queiroz
José Nicola da Costa
Rodrigo Gravina Prates Junqueira

Fotografias
Ayrton Vignola
Christian Knepper
Dannel Sá
Mariana Motta

Projeto gráfico e diagramação
Ana Cristina Silveira/AnaCê Design

Tiragem: 1.000 exemplares

CONTATO

Instituto Socioambiental (ISA)
Av. São Paulo, 202, Centro,
Canarana, CEP 78.640-000.
Tel (66) 3478-3491.
isaxingu@socioambiental.org

PARCERIA



A Associação Terra Viva de Agricultura Alternativa e Educação Ambiental (ATV)



Mulheres Xavante Coletoras de Sementes
TERRA INDÍGENA MARÁWATSÉDÉ



Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento



Entenda o funcionamento da Rede



APOIO

FUNDO VALE

integração > transformação > desenvolvimento



Tropical Forest
Conservation Act
TFCA



Ministério do
Meio Ambiente

